

O ARTÍFICE¹

*Antônio de Pádua BOSI**

O Artífice (The craftsman) é a primeira parte de um projeto desenvolvido por Richard Sennett (2009, p.24) que sonda as possibilidades humanas relacionadas ao trabalho, uma história do homem como seu próprio criador: “os seres humanos são hábeis criadores de um lugar para si mesmos”. A marca da erudição e do raciocínio rico e sofisticado que integra a trajetória de Sennett está presente neste livro, e por isso é difícil resenhá-lo sem amputar-lhe partes importantes, fazendo justiça ao conjunto de reflexões propostas pelo autor. Como em seus livros anteriores, *O Artífice* também pode ser lido e interpretado como um guia de inúmeros roteiros que nos levam através de nossas próprias experiências acerca do trabalho. Escolhi um desses caminhos, recortando para discussão o desafio sugerido por Sennett, de sermos nós hábeis criadores. Para Sennett, isto é mais do que uma ideia; é uma constatação que ele apresenta com força de tese, inscrita, principalmente, numa tradição iluminista que tem hipotecado grande esperança nas realizações do homem, na sua capacidade de criar.

Sennett mantém ativa esta esperança e a faz penetrar num vasto campo de interlocuções. Numa de suas primeiras paradas, Sennett dialoga com Diderot. Ressalta a importância e ousadia do projeto enciclopedista na construção de uma concepção humanista que favoreceu a razão e a perícia no trabalho. É certo que o “artífice esclarecido” dos enciclopedistas esbarrava contra uma ordem social que presenteava a classe dominante com o ócio. Mas, para Sennett, a questão relevante parece referir-se menos à desigualdade econômica e social, e mais à satisfação por um trabalho bem feito.

¹ Resenha do livro: SENNETT, Richard. **O artífice**. Tradução de Clóvis Marques. Rio de Janeiro: Record, 2009. 360p.

* UNIOESTE – Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Centro de Ciências Humanas, Educação, Letras e História. Marechal Cândido Rondon – PR – Brasil. 85904-000 – e-mail: bosi@certto.com.br

Esse raciocínio o leva a pensar o trabalho localizado numa tradição romântica. É em John Ruskin, crítico de arte e mordaz oponente ao processo de mecanização do trabalho no século XIX, que Sennett encontra a radicalização do “artífice esclarecido”. O exercício constante como forma de aprimoramento da perícia e do conhecimento é, na versão romântica, ameaçado de morte pela máquina. Infelizmente, este ponto é pouco explorado no livro. Sennett preferiu não aprofundar as experiências de recusa das máquinas pelas últimas gerações de artesãos e, principalmente, pela classe operária, cuja resistência às inovações tecnológicas redutoras de empregos é ainda viva na atualidade. Sua preferência é por Diderot, encarando a máquina como um “desafio verdadeiramente radical e libertador” (SENNETT, 2009, p.135).

Aberta esta perspectiva, a ferramenta, qualquer que seja sua forma e densidade tecnológica, pode e deve ser tomada como um estímulo. Especialmente neste ponto, a erudição e clareza de raciocínio de Sennett tornam o livro mais instigante e útil. Explorando áreas aparentemente desconhecidas como a música, a informática, a arquitetura e o serviço público (dentre outras menos discutidas), ele problematiza a competição como medida do trabalho na atualidade. Todos nós sabemos como a pressão por produtividade contaminou o mundo do trabalho, e que a competição é um artefato cultural do capitalismo. Sennett (2009, p.44) também sabe, e rejeita este padrão societário. Não raras vezes ele põe em dúvida a eficiência de sistemas de competição e de recompensa que organizam o trabalho: “em qualquer organização, os indivíduos ou equipes que entram em competição e são recompensados por se sair melhor que os outros haverão sempre de entesourar informações”.

Para evitar isto, Sennett considera a cooperação uma forma mais dinâmica e eficaz de realização do trabalho, como no caso da construção e aperfeiçoamento contínuo do Linux, em que programadores cooperam entre si na detecção e resolução de problemas: “[...] o código Linux está disponível a todos, pode ser utilizado e adaptado por qualquer um; as pessoas se oferecem voluntariamente e doam seu tempo para aperfeiçoá-lo” (SENNETT, 2009, p.34). Esta conduta é avaliada ao longo do livro sem, contudo, tornar-se um modelo, até mesmo porque não há indícios de sua generalização no mundo do trabalho. A participação em comunidades do tipo Linux acontece como uma entrega “desinteressada”, sem razões mercantis, ausente da racionalidade capitalista orientada para o lucro. De fato é um beco sem saída para a argumentação de Sennett. Talvez por isto, segue-se o esforço de estender o conceito inicial de artífice (“o homem, criador de si mesmo”) como possibilidade para diversos ofícios, profissões e até mesmo ocupações. Recupera-se então a ideia de trabalho bem feito como realização pessoal. Negando raciocínios que separam as atividades (ou tarefas) manuais das intelectuais, Sennett confere ao trabalho uma centralidade necessária e capaz à constituição de um sentido para a vida.

Esta centralidade do trabalho (ou a perda dela) abordada em escritos anteriores como “A Corrosão do Caráter”, “Respeito” e “A Cultura do Novo Capitalismo” problematiza concepções de dois de seus interlocutores seminais. De Max Weber, Sennett questiona o significado expresso na obsessão pelo trabalho: nem toda obsessão leva a uma jaula de ferro ou à infelicidade. Encarado como um processo de aprendizado, o “perfeccionismo” (uma das faces mais conhecidas da obsessão) pode produzir sentimentos de orgulho com o próprio trabalho, erigindo um tipo de ética calcada na satisfação com o saber fazer. Mas este tipo de perfeccionismo esbarra em limites edificados por um liberalismo vulgar que tem disseminado, com grande sucesso, a crença de que os talentos são inatos e que, portanto, dispensam apoio e métodos para se desenvolver. Sennett nos aconselha a desconfiar desse pressuposto.

Para ele, até mesmo Wolfgang Amadeus precisou “[...] treinar sua grande memória musical inata improvisando no teclado. [Ele] Desenvolveu métodos para parecer estar produzindo música espontaneamente [...]. Ele perpassava as partituras mentalmente repetidas vezes antes de registrá-las na pauta” (SENNETT, 2009, p.48-49). A intenção de Sennett é dizer que a prática da repetição realizada lenta e reflexivamente pode ser a chave para alargar o conhecimento e cultivar o prazer no trabalho. Neste contexto, o manuseio ativo da tecnologia e das ferramentas seria uma forma prodigiosa de exercitar o talento e possibilitar a autocrítica, e é por isso que ele se mostra reticente face ao fato de que o aprendizado repetitivo é evitado pela educação moderna por ser considerado embotador: “[...] temeroso de entediar as crianças, ávido por apresentar estímulos sempre diferentes, o professor esclarecido pode evitar a rotina, mas desse modo impede que as crianças tenham a experiência de estudar a própria prática e modulá-la de dentro para fora” (SENNETT, 2009, p.49).

Relativamente a Wright Mills, Sennett considera um “inviável idealismo” a noção de que na atividade artesanal “[...] os detalhes do trabalho cotidiano são significativos para o trabalhador porque, em seu espírito, não estão separados do produto do trabalho” (MILLS, 1976, p.238), mas sem recusar o enunciado desta ideia: *por que trabalho e trabalhadores estão socialmente separados?* Mesmo sem pretender, Sennett parece partilhar o encantamento de Wright Mills com as formas históricas do trabalho desenvolvidas nas oficinas medievais. Talvez por esse motivo ele tenha feito delas um de seus principais laboratórios de experimentos. É de lá que são retiradas e apresentadas as referências mais apropriadas para se pensar questões como autonomia, autoridade, conservação e reprodução do saber. Esta também é a estação para onde têm retornado os românticos (não somente Ruskin, mas William Morris e até contemporâneos como Edward Thompson e o próprio Wright Mills). Até Marx viu no trabalho artesanal das guildas uma totalidade que conferia sentido

à vida. É certo que esta unidade entre vida e trabalho experimentada pelos artífices (fossem mestres, jornaleiros ou aprendizes) estava articulada a muitas contradições existentes à época nos termos da hierarquia social e das desigualdades econômicas. É preciso levar em conta que o retorno dos românticos quase sempre ocorreu para uma estação idealizada.

Sennett (2009, p.299) tem noção dessa condição e parece, sem desejar fazê-lo, retornar para a mesma estação quando anuncia, já nas páginas finais do livro, o que considera sua “tese mais polêmica: a de que praticamente qualquer um pode tornar-se um bom artífice”, o que representa dizer, alguém que sabe o que faz, que está no domínio de si mesmo. Este ponto de chegada permite a Sennett refutar uma convicção de Hannah Arendt (sua professora) extraída da dura experiência vivida no contexto do projeto “Los Álamos”, que planejou e confeccionou as primeiras bombas atômicas: “as pessoas que fazem coisas geralmente não sabem o que estão fazendo”. Ele tem uma compreensão das razões que levaram Hannah Arendt a pensar assim. As críticas acerca do Totalitarismo que ela elaborou tão bem compunham um ambiente marcado pelo medo da autodestruição que podia ser quantificado “em números tão vastos que a imaginação se perdia. Pelo menos 70 milhões de pessoas morreram em guerras, campos de concentração e gulags nos primeiros cinquenta anos do século XX”. Para Sennett, (2009, p.12, p.18) a visão de Arendt capturava nesses números uma “combinação de cegueira científica e poder burocrático”. Sem o pessimismo de sua professora, ele aposta que “[...] podemos alcançar uma vida material mais humana, se pelo menos entendermos como são feitas as coisas”.

Podemos ir ao encontro da expectativa de Sennett, mas caberia ouvir um interlocutor que ele silencia em *O Artífice*. Para Marx, nenhuma unidade de validade universal entre vida e trabalho pode ser instituída sem a dissolução da ética que redimensionou todo trabalho humano e subordinou-o ao lucro e à acumulação.

Referência

MILLS, C.W. **A nova classe média**. 2.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.